

SÓCRATES (470, 469 a.C. - 399 a.C.)

Górgias (sofista): se soubésseis tudo, Sócrates! Saberias que essa, (a arte retórica) em certo sentido, abraça e contém em si todos os poderes! Apresento-te uma prova notável. Muitas vezes fui com meu irmão e outros médicos a algum doente que não queria absolutamente tomar o remédio, ou deixar-se operar ou cauterizar pelo médico. Pois bem, enquanto o médico era incapaz de persuadi-lo, eu, ao contrário, consegui persuadir apenas com a arte da retórica. E digo também que se um médico e um retor fossem a uma cidade qualquer e tivessem que discutir na assembleia popular ou em qualquer outra reunião qual dos dois deveria ser escolhido como médico, o médico não venceria, seria escolhido aquele que é hábil em falar, uma vez que o quisesse. E assim, se devesse competir com qualquer outro técnico, o retor persuadiria a escolher a ele antes de outro qualquer, porque não há nada sobre o que o retor, diante da multidão, não saiba falar de maneira mais persuasiva do que qualquer outro técnico. Tanto e tal é o poder desta arte! (Platão, *Górgias*, 455d-456c.)

VIDA

Filho de Sofronisco e de Fenarete, Sócrates nasceu em Atenas no final de 470 ou no início de 469 a.C. e morreu condenado pelo tribunal ateniense a tomar cicuta, em 399 a.C, com a idade de 70 anos

Seu pai era escultor (...), por ofício era, portanto, um técnico. Sócrates teria comparado o seu modo de filosofar, ao de sua mãe que era parteira. Dizia que ela fazia parto dos corpos e ele das almas.

Parece ter feito estudos de geometria e de astronomia com Arquelaus e ter-se interessado pela cosmologia de Anaxágoras, que estivera em Atenas. Consta, porém, que considerou obscuras e pouco satisfatórias as ideias da cosmologia e teria abandonado o interesse pela "física". Mantinha relações com alguns sofistas e teria mesmo enviado alunos para eles.

Os relatos dizem que Sócrates dedicou-se à filosofia depois de ter ido ao templo de Apolo Delfos e ter ouvido uma voz interior (que ele chamava de *daimon*, espécie de espírito ligado a uma pessoa e que personifica o caráter e o destino dela) que o fez compreender que o oráculo inscrito na porta do templo - "conhece-te a ti mesmo" - era sua missão. (...) Foi descrito por todos os que o conheceram como alguém dedicado ao conhecimento de si e que provocava nos outros perguntas sobre si próprios, conversando na praça do mercado, nas reuniões de amigos e nas ruas com quem aparecesse e se interessasse pelas suas questões.

Num século de grande e exuberante produção literária, Sócrates é uma estranha exceção: não escreveu. E a ausência de obras ou de escritos o transforma num enigma que vem desafiando a história da filosofia, pois, afinal, quem foi e o que pensou? (Chauí)

O PROBLEMA SÓCRATES

Sócrates nada escreveu, considerando que a sua mensagem era transmissível pela palavra viva, através do diálogo e da "oralidade dialética". Seus discípulos fixaram por escrito uma série de doutrinas a ele atribuídas. Mas tais doutrinas frequentemente não concordam entre si e, por vezes, até se contradizem. Aristófanes caricatura um Sócrates que, não é o de sua maturidade última.

Na maior parte de seus diálogos, Platão idealiza Sócrates e o torna porta-voz também de suas próprias doutrinas: desse modo, é difícil estabelecer o que é efetivamente de Sócrates nesses textos e o que, ao contrário, representa pensamentos e reelaborações de Platão.

Em seus escritos socráticos, Xenofonte apresenta um Sócrates de dimensões reduzidas, com traços que às vezes beiram até mesmo a banalidade (certamente, seria impossível que os atenienses tivessem motivos para condenar à morte um homem como o Sócrates descrito por Xenofonte).

Aristóteles fala de Sócrates ocasionalmente. Entretanto, suas afirmações são consideradas mais objetivas. Mas Aristóteles não foi contemporâneo de Sócrates. Pode ter-se documentado sobre o que registra, mas faltou-lhe o contato direto com o personagem, contato que, no caso de Sócrates, revela-se insubstituível.

Por fim, os vários socráticos, fundadores das assim chamadas "Escolas socráticas menores", deixaram pouco, e esse pouco lança luz apenas sobre um aspecto parcial de Sócrates.

(...) hoje está abrindo caminho, não o critério da escolha entre as várias fontes ou de sua combinação eclética, mas sim o critério que pode ser definido como "a perspectiva do antes e depois de Sócrates."

Explicamos melhor. A partir do momento em que Sócrates atua em Atenas, pode-se constatar que a literatura em geral, e particularmente a filosófica, registra uma série de novidades de porte bastante considerável, que depois, no âmbito do helenismo, permaneceriam como aquisições irreversíveis e pontos de referência constantes. Mas há mais: as fontes a que nos referimos (e também outras fontes, além das mencionadas) concordam na indicação de Sócrates como o autor de tais novidades, seja de modo explícito, seja implícito. Assim, podemos creditar a Sócrates, com elevado grau de probabilidade, as doutrinas que a cultura grega recebeu no momento em que Sócrates atuava em Atenas e que os nossos documentos a ele creditam. (Reale)

FILOSOFIA SOCRÁTICA

“Conhece-te a ti mesmo” e “sei que nada sei” são duas das expressões que ninguém no pensamento ocidental jamais duvidou que fossem de Sócrates. Com elas, o homem, a ética e o conhecimento surgem como as questões centrais da filosofia. E, desde Aristóteles, também ninguém contesta que a pergunta socrática por excelência seja: “o que é...?”

Indo consultar o oráculo de Delfos, Sócrates ouve a voz do *daimon* que lhe transmite a mensagem de Apolo: “Sócrates é o homem mais sábio entre os homens.” Espantado, Sócrates procura os homens que julgava sábios (políticos e poetas, cuja função é ensinar e guiar os outros): “fui ter com um dos que se passam por sábios, certo de que assim poderia controlar o oráculo e dizer-lhe claramente: eis aqui um mais sábio do que eu e tu disseste que eu era o mais sábio. Examinava a fundo o meu interlocutor... eis a impressão que me ficou do exame e da conversa que tive com ele: passava por sábio para muita gente, sobretudo para si mesmo, mas não era. Retirei-me dizendo a mim mesmo: afinal de contas sou mais sábio do que ele. Com efeito, é possível que nenhum de nós saiba nada de bom, mas ele crê que sabe, embora não saiba, enquanto eu, se nada sei, também não creio saber. Parece-me, pois, que sou um pouco mais sábio do que ele, ao menos nisto: não creio saber o que não sei” (Apologia de Sócrates, Platão, citado por Wolf). Ninguém, com efeito, sabe coisa alguma daquilo que acredita saber e Sócrates é a única *consciência*.

Por certo eles sabem algo (são técnicos eficazes em suas especialidades), mas ignoram o essencial (...) eles ignoram muito simplesmente o objeto de seu saber. Eles sabem fazer, mas não sabem o que fazem.

Vejamos, por exemplo, os políticos. Eles *sabem* falar ao povo, *sabem* persuadi-lo a tomar tal decisão, *sabem*, por vezes, engenhosamente prever as consequências de algum compromisso, em suma, *sabem* comandar um homem como um piloto sabe conduzir um navio. Mas sabem por quê, com que finalidade fazem tudo isso? A Justiça, terminam por dizer, eis lançada a grande palavra. Mas, o que é a justiça? Ei-los embaraçados, eis que seus discursos brilhantes se embrulham quando se trata de definir isso que deveria, entretanto fundar todos os seus atos. A justiça, eles sabem cantá-la, não sabem dizê-la. Clarividentes em tudo são cegos para o essencial. (Wolff)

Assim, diferentemente dos sofistas, Sócrates não se apresenta como professor. Pergunta, não responde. Indaga, não ensina. Não faz preleções, mas introduz o diálogo como forma de busca da verdade. Esta foi a razão de não ter escrito coisa alguma. Dizia que a escrita é muda e que sua mudez cristaliza ideias como verdades acabadas e indiscutíveis.

Diferentemente do sofista, Sócrates mantém a separação entre opinião e verdade, entre aparência e realidade, entre percepção sensorial e pensamento. Por isso, sua busca visa a alcançar algo muito precioso: passar da multiplicidade de opiniões contrárias, da multiplicidade de aparências opostas, da multiplicidade de percepções divergentes a unidade do conceito universal e necessário da coisa procurada. Ao exigir de si mesmo o conhecimento de si, exigia dos outros que conhecessem a si mesmos, motivo pelo qual a primeira tarefa do diálogo socrático é fazer com que cada um descubra sozinho (...) que aquilo que julgava ser um *conceito* da coisa era mera *opinião* sobre ela.

Também em Sócrates a medicina grega exerce influência. (...) Era indispensável que o paciente participasse da cura (...) Sua (do doente) ação era simples: falar, contar ao médico o passado e o presente, expor um conhecimento que o médico, por meio de perguntas, ia completando e corrigindo para chegar ao diagnóstico e ao prognóstico. É este aspecto dialógico e participativo da medicina que será empregado por Sócrates.

Ao dizer-se “parteiro de almas”, Sócrates queria dizer, em primeiro lugar, que não era o pai das ideias que nasciam da alma de seu interlocutor e, em segundo lugar, que seu papel era apenas o de auxiliar o nascimento das ideias para as quais o trabalho de parto tinha, como no caso das mães, que ser feito inteiramente pela parturiente. Seu trabalho é suscitar no interlocutor o desejo de saber e auxiliá-lo a realizar sozinho esse desejo.

(...) de onde vem que saibamos que certas coisas são falsas e outras verdadeiras? De onde provém a noção de verdade? Sócrates faz com que o interlocutor possa responder: vem de nós mesmos, isto é, dos juízos que fazemos sobre as coisas. Se temos dificuldade de encontrá-la é porque vivemos em obediência cega a ordens externas, porque aceitamos passivamente os preceitos estabelecidos. O pensamento se desloca da contemplação exterior para a contemplação interior. (Chauí)

VALORES

Desse modo, Sócrates opera uma revolução no tradicional quadro de valores. Os verdadeiros valores não são os ligados às coisas exteriores, como a riqueza, o poder, a fama, tampouco os ligados ao corpo, como a vida, o vigor, a saúde física e a beleza, mas somente os valores da alma, que se resumem, todos, no

"conhecimento". Naturalmente, isso não significa que todos os valores tradicionais tornam-se necessariamente "desvalores"; significa, simplesmente, que "em si mesmos não têm valor". Tornam-se ou não valores somente se forem usados como o "conhecimento" exige, ou seja, em função da alma e de sua *areté*; em si mesmos, nem uns nem outros têm valor.

(...) a opinião corrente entre os gregos antes de Sócrates (até mesmo a dos Sofistas, que, no entanto, pretendiam ser "mestres da virtude") considerava as diversas virtudes como uma pluralidade (uma coisa é a "justiça", outra a "santidade", outra a "prudência, outra a "temperança", outra a "sabedoria"), mas da qual não sabiam captar o nexo essencial, ou seja, aquele algo que faz com que as diversas virtudes sejam uma unidade (algo que faça precisamente com que todas e cada uma sejam "virtudes"). Além disso, todos viam as

virtudes como coisas fundadas nos hábitos, no costume e nas convenções aceitas pela sociedade. Sócrates, no entanto, tenta submeter a vida humana e os seus valores ao domínio da razão (assim como os Naturalistas haviam tentado submeter o cosmo e suas manifestações ao domínio da razão). E como, para ele, a própria natureza do homem é sua alma, ou seja, a razão, e as virtudes são aquilo que aperfeiçoa e concretiza plenamente a natureza do homem, ou seja, a razão, então é evidente que as virtudes revelam-se como uma forma de ciência e desconhecimento, precisamente porque são a ciência e o conhecimento que aperfeiçoam a alma e a razão.

Sócrates ainda viu muito bem que o homem, por sua natureza, procura sempre seu próprio bem e que, quando faz o mal, na realidade não o faz porque se trate do mal, mas porque espera daí extrair um bem. Dizer que o mal é "involuntário" significa que o homem engana-se ao esperar dele um bem e que, na realidade, está cometendo um erro de cálculo e, portanto, se enganando. Ou seja, em última análise é vítima de "ignorância". (Reale)

MÉTODO

Com Sócrates a filosofia começa a falar em método e em ciência. O método socrático, exercitado sob a forma de diálogo, consta de duas partes. Na primeira chamada de *protréptico*, isto é, exortação, Sócrates convida o interlocutor a buscar a verdade; na segunda, chamada *elénkhos*, isto é, indagação (refutação), Sócrates, fazendo perguntas comentando as respostas e voltando a perguntar, caminha com o interlocutor para encontrar a definição da coisa procurada. O *elénkhos* é dividido por Sócrates em duas partes e são essas que, comumente, vemos chamadas de método socrático. Na primeira parte, feita a pergunta, Sócrates comenta as várias respostas que a ela são dadas, mostrando que são sempre preconceitos recebidos, opiniões e não a definição buscada.. Esta parte se chama de *ironia* (*eiróneia*), isto é, refutação, com a finalidade de quebrar a solidez aparente das opiniões. Na segunda parte, Sócrates ao perguntar, vai sugerindo caminhos ao interlocutor até que este chegue à definição procurada. Esta parte se chama *maieûtica*, isto é, arte de realizar um parto, no caso, parto de uma ideia verdadeira. (Chauí)

Platão descreve na *Apologia* e no *Protágoras* o modo como se encontravam essencialmente entrelaçadas aquelas duas formas fundamentais da conversação socrática, *protréptikos* e *elenchos*. Na realidade, não passam de duas fases distintas do mesmo processo educacional. Daremos aqui um exemplo só, tirado da *Apologia*, a passagem em que Sócrates descreve com as seguintes palavras seu modo de atuar:

Enquanto viver não deixarei jamais de filosofar, de vos exortar a vós e de instruir quem quer que eu encontre, dizendo-lhe à minha maneira habitual: Querido amigo, és um ateniense, um cidadão da maior e mais famosa cidade do mundo, pela sua sabedoria e pelo seu poder; e não te envergonhas de velar pela tua fortuna e pelo seu aumento constante, pelo teu prestígio e pela tua honra, sem em contrapartida te preocupares em nada com conheceres o bem e a verdade e com tornares a tua alma o melhor possível? E, se algum de vós duvidar disso e asseverar que com tal se preocupa, não o deixarei em paz nem seguirei tranquilamente meu caminho, mas interrogá-lo-ei, examiná-lo-ei e refutá-lo-ei; e se me parecer que não tem qualquer areté, mas apenas a aparenta, invectivá-lo-ei, dizendo-lhe que sente o menor respeito pelo que há de mais respeitável e o respeito mais profundo pelo que menos respeito merece. E farei isto com os jovens e com os anciãos, com todos que encontrar, com os de fora e com os de dentro; mas sobretudo com os homens desta cidade, pois são por origem os mais próximos de mim. Pois ficais sabendo que deus assim mo ordenou, e julgo que até agora não houve na nossa cidade nenhum bem maior para vós do que este serviço que eu presto a deus. É que todos os meus passos se reduzem a andar por aí, persuadindo novos e velhos a não se preocuparem nem tanto nem em primeiro lugar com seu corpo e com sua fortuna, mas antes com a perfeição de sua alma.

A filosofia que Sócrates aqui professa não é um simples processo teórico de pensamento: é ao mesmo tempo uma exortação e uma educação. A serviço destes objetivos estão ainda o exame e a refutação

socrática de todo saber aparente e de toda excelência (*aretê*) meramente imaginária. (Jaeger)

VOCABULÁRIO

Aporía – Palavra composta do prefixo negativo a- e pelo substantivo *poros* (passagem, via de comunicação, caminho, trajeto). (...) *Aporía* significa: incapacidade de encontrar caminho ou trajeto; falta de uma via ou meio de passagem; impossibilidade de chegar a um lugar; por extensão: impossibilidade de deduzir, concluir, inferir. A *aporía* é uma dificuldade insolúvel.

Dialektiké- Discussão ou conversa por meio de perguntas e respostas, habilidade para discutir e argumentar por meio de perguntas e respostas; por extensão: método ou arte de argumentação que opera com opiniões contrárias. Esta palavra provém do verbo *dialégo* que significa: escolher, separar, distinguir, triar, falar, explicar. Na voz média *dialegómai*, o verbo significa: conversar, dialogar, entreter-se com alguém, dar e receber informações, discutir uma questão com alguém (...) (quando estudarmos Platão e Aristóteles veremos os usos que eles fazem do termo)

Élenkhos- Argumento para refutação, prova para refutar argumentação, apresentação de provas, refutações, interrogatório para encontrar provas.

Maieutiké- Arte de realizar um parto. (...) Platão criou a palavra *maieutiké* para referir-se ao “parto de ideias” ou “parto das almas” realizado pelo método socrático (?)

LEITURA COMPLEMENTAR (NÃO CAI NA PROVA)

OS DOIS SÓCRATES DE PLATÃO

Um questionamento desse “método” socrático está hoje em dia em voga, especialmente entre os autores de língua inglesa, entre os quais se destaca Gregory Vlastos.

Quem procura Sócrates nos diálogos platônicos encontra, de fato, dois Sócrates. (...) dois filósofos muito diferentes têm o nome de Sócrates. O indivíduo permanece o mesmo: sempre feio, impudente, divertido, exasperante, falando interminavelmente, é sempre o mesmo intelectual incansável que domina todos os seus interlocutores pela força de sua personalidade e por sua energia espiritual. Ele filosofa sem descanso. Mas, ao fazer isso, propõe em dois diferentes grupos de diálogos (os do primeiro período e os do período intermediário da produção platônica), duas filosofias tão diferentes que elas não poderiam habitar o mesmo cérebro. (...) Para o personagem do primeiro grupo de diálogos falarei de S1, para o outro falarei de S2.

S1 X S2

A filosofia de S1 diz respeito exclusivamente à filosofia moral. S1 tem opiniões sobre diversos assuntos. Mas as únicas proposições que examina são teses morais.

A filosofia de S2 é uma filosofia moral, mas S2 é *também* um ontologista, um metafísico, um epistemólogo, um filósofo da ciência, um filósofo da linguagem, assim como um filósofo da religião e da arte e filósofo político. Seus interesses cobrem o registro completo da filosofia.

Na história da filosofia nenhum filósofo teve um campo de reflexão mais amplo do que S2, nenhum teve um campo de reflexão mais estreito do que S1.

Até o *Górgias* (nome de um diálogo de Platão), S1 não manifesta qualquer interesse pela ciência matemática nem qualquer competência neste campo.

S2 é um matemático consumado e considera a matemática como a via de acesso à filosofia. (...)

Em toda a história da filosofia ocidental, nenhuma filosofia se constituiu de modo mais afastado da matemática do que a de S1, mas nenhum filósofo procurou ligar mais estreitamente filosofia e matemática do que S2.

S1 tem a missão de “viver filosofando, fazendo o exame de si e do outro” (*Apologia*, 28e). Acredita que “a vida sem exame não vale a pena ser vivida por um homem” (*ibid.* 38a).

S2 crê que a melhor sociedade só consentirá o direito de interrogar e de discutir sobre o bem e o mal a uma elite excepcionalmente dotada e rigorosamente formada. (...) A cidade perfeita de S2 seria, ao juízo de S1 extremamente ruim: condenaria a maioria absoluta dos cidadãos a uma vida que, a seus olhos, não

valeria a pena ser vivida por um homem.

Em toda a história do pensamento ocidental, nenhuma filosofia assegurou uma difusão mais populista do que a de S1, nenhuma foi mais elitista do que a de S2.

S1 é totalmente desprovido de uma teoria da alma. Para ele a alma é o eu empírico, o sujeito da capacidade de conhecer e o da experiência moral, o “eu” em “*eu* creio, *eu* escolho, *eu* ajo”. (...) Mas não debate o problema da constituição (ela é material ou imaterial?), nem o destino último desta coisa infinitamente preciosa (é mortal ou imortal?). Pode declarar (*Górgias*) ou manifestar sua fé (*Críton*) na imortalidade da alma. Mas nunca tenta demonstrar.

É o que justamente S2 não se cansa de fazer. Ele encadeia uma série de argumentos em favor da imortalidade (*República*, *Fédon*, *Fedro*). O objetivo desta argumentação é o de demonstrar uma preexistência pré-natal e primordial da alma. Dogma que tem por corolário a doutrina epistemológica mais audaciosa que já foi proposta na filosofia ocidental, a teoria da “reminiscência”: qualquer que seja o objeto de conhecimento ao qual um homem tem acesso durante sua vida, sua alma já tomou conhecimento dele antes de seu nascimento (*Ménon* 81c).

S1 fala de Formas, mas não tem nenhuma teoria das formas. Ele pergunta “qual a forma da *piedade*? Qual a Forma da *beleza*?” mas nunca põe a questão: “o que é a Forma?”. Sua interrogação contínua: “o que é...?” é o sinal de uma pesquisa moral sobre a definição de tal ou qual Forma, mas nunca uma pesquisa metafísica sobre a natureza da Forma. Não duvida da existência das Formas, assim como seus interlocutores não duvidam. Por que o fariam uma vez que ele de fala de Formas que só existem em suas exemplificações – a temperança está “no” homem temperante; a *piedade* é “a mesma em cada ação piedosa” (*Eutífron*, 191e) = nunca “separadamente” delas?.

Para S2, ao contrário, a existência de Formas é uma “hipótese” pela qual os “filósofos” se distinguem da “massa”. Em que consiste essa doutrina que as separa assim? S2 nos acena com um conjunto de propriedades que as Formas possuem:

São inacessíveis aos sentidos

São absolutamente imutáveis

São estritamente imateriais

Existem separadamente

São o fundamento da natureza divina dos próprios deuses

Não encontramos, em toda a Antiguidade clássica, nenhum projeto de mudança mais audacioso, nem mais magnificamente estruturado do que o de S2. Este projeto implica a reestruturação de todas as instituições sociais (...) e exige que toda atividade no seio da *polis* esteja submetida à autoridade de razão de sua elite.

Seria vão procurar esta teoria, ou qualquer teoria coerente sobre o Estado nos primeiros diálogos de Platão. Longe de denegrir as leis de Atenas, S1 proclama sua afetuosa ligação às leis que ele prefere em relação a qualquer outra seja do mundo “grego ou bárbaro” (*Críton*). Assimila obediência civil à obediência filial.

Segundo S1, o intelecto é onipotente para controlar os móveis de uma ação: uma falta só pode ser atribuída à ignorância do bem. Esta posição é rejeitada categoricamente por S2, graças a seu modelo tripartite da *psyché* no qual a paixão e o apetite podem ser móveis autônomos, cada um deles sendo dotado de um poder independente para determinar se a razão prevalecerá ou não.

MÉTODO SOCRÁTICO

O método que S1 utiliza na busca da verdade moral lhe é tão particular que termina por levar seu nome: é o *elenchos* “socrático”. Neste método, a instância de último recurso para resolver um conflito moral é a discussão dialogada entre duas pessoas; debate-se uma tese com a condição de que esta seja reconhecida como a crença pessoal do interlocutor; considera-se que ela é refutada apenas quando surge em clara contradição com outras crenças cujo próprio interlocutor reconhece como verdadeiras. Para fazer aparecer a contradição S1 utiliza duas formas de raciocínio: 1) silogística, 2) epagógica. Obtém-se a negação da tese do interlocutor ou 1) mostrando que esta negação decorre necessariamente de um subconjunto de suas crenças, ou 2) a retirando por analogia de proposições que indicam estas crenças. Nos dois casos, o objetivo do raciocínio é de tornar os interlocutores conscientes de que as crenças as quais eles se referem os conduzem a negar suas teses erradas. Para assegurar o bom funcionamento deste método, S1 deve permanecer como aquele que questiona no curso do *elenchos*. Sua profissão de ignorância o torna particularmente apto para este papel.

Como S1 não é, absolutamente, epistemólogo, não está em condições de analisar seu método nem de designar os postulados a partir dos quais pode-se razoavelmente esperar atingir a verdade.

Cosequentemente, a verdade sendo o que se crê obter, pode-se qualificar seu método de pesquisa de “procedimento cego”, processo pelo qual ele submete seus interlocutores a um exame, sem ser o próprio procedimento nem examinado nem justificado. (...) muito frequentemente suas buscas terminam em *aporias*. Mas nem sempre, às vezes acontecem resultados espetaculares que levam a uma verdade moral espantosamente forte que perturba antigos postulados. (...)

Então, repentinamente, algo imprevisto ocorre (...) o *elenchos* é abandonado. (...) S2 não obtém mais a verdade a extirpando de interlocutores que não estão de acordo com ele. As teses que ele presentemente refuta são ao mesmo tempo propostas e combatidas por ele mesmo. (...) só examina a si mesmo. Uma surpresa ainda maior nos aguarda no *Ménon*. No primeiro terço do diálogo aparece de volta o *elenchos*. Mas com que finalidade Platão o introduz? Denunciar sua ineficácia, para mostrar que, utilizando este método para responder à questão: “o que é *F*?”, enquanto proclama nada saber sobre *F*, Sócrates está fadado ao fracasso, condenado a cair num impasse do qual só pode sair abandonando seu personagem, o que ele faz. S2 substitui claramente S1. S2 anuncia que subscreve doravante à doutrina ultra-metafísica da transmigração eterna da alma, doutrina a qual acrescenta um corolário epistemológico cuja audácia especulativa não é menor: a teoria da reminiscência. Assim, ele passa a um novo método de investigação filosófica que toma deliberadamente de empréstimo da matemática: “o método da hipótese”. (Vlastos)

BIBLIOGRAFIA

CHAUÍ, Marilena. *Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

JAEGER, Werner. *Paidéia: a formação do homem grego*. Trad: Artur Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

REALE, Giovanni e ANTISERI, Dario. *História da filosofia: a filosofia pagã*. 3ª ed. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2007.

VLASTOS, Gregory. “Socrate”. In. CANTO-SPERBER, Monique (Dir). *Philosophie grecque*. 2ª ed (rev.). Paris: PUF, 1998.

WOLFF, Francis. *Sócrates*. Trad. Franklin Leopoldo e Silva. São Paulo: Brasiliense, 1982.

.